

O grande defensor da arte do gueto



CLÁUDIO CORDOVIL

Tudo bem: Chiclete se mistura com banana, mas rap vai bem com filosofia. Este poderia ser o lema do americano Richard Shusterman, um filósofo *on the road*, informal, competente, pop, bom de conversa, e que, para alegria das moçoilas, lembra Kevin Costner. Não há quem não goste de passar algumas horas conversando com ele. Isto porque ele coloca sua filosofia estética a serviço de cada cidadão, na busca da importante arte do bem-viver. Grosso modo, é uma espécie de Paulo Coelho com título de doutor em filosofia analítica e absoluto domínio do pensamento pragmático americano, especialmente de John Dewey. "A filosofia começou como arte de viver. Sócrates não escreveu, mas criou sua filosofia na busca de um estilo de vida", explica. Para mostrar como a filosofia pode fazer parte de nossa vida cotidiana, Shusterman veio ao Brasil para lançar *Vivendo a arte: O pensamento pragmático e a arte popular* (Ed. 34 Letras), já traduzido para o francês, finlandês, polonês e alemão.

Diferentemente dos sisudos pensadores, encara as entrevistas como experiências agradáveis. "Eu gosto do formato da entrevista porque ela é direta. Quando você escreve um artigo, pode se esconder atrás de referências bibliográficas. Aqui, se você não entende algo, pergunta: 'o que você quer dizer exatamente?' Ação direta e respostas diretas fazem os filósofos ficarem mais honestos e encarar as questões. Sócrates não escreveu filosofia mas a baseou no diálogo".

Guru pós-moderno, cita Emerson para afirmar que "a verdade está na estrada", o que segundo ele e os pragmáticos em geral, seria outra forma de dizer que apreendemos o

Filósofo americano defende o rap como digno representante da cultura popular pós-moderna e diz que, como o jazz no passado, ele sofre a discriminação da cultura branca

mundo através da experiência. Na semana passada Shusterman esteve em São Paulo para ministrar seminários sobre estética e pragmática, mas, principalmente, sobre o rap, que, segundo ele, é um digno representante da arte popular pós-moderna.

É óbvio que, para Shusterman, existem artes populares e outras nem tão artísticas assim. "Assim como você pode ter um bom ou um mau poema", explica. Mas Shusterman reconhece que é um guerreiro solitário a serviço do rap na academia. E enumera as razões porque o rap não é considerado arte pelo *establishment*. "Uma delas tem a ver com o fato de muitas músicas populares não receberem legitimação pela alta cultura na sociedade americana. A outra é porque sua origem é a dos guetos negros. Além disso, muitas de suas letras são simplesmente incompreensíveis. A cultura negra tem sido a mais reprimida e rejeitada. Levou muito tempo para que o jazz fosse reconhecido", analisa.

Comparando com o jazz, o rap tem um complicador: sua crescente criminalização e sua conexão de origem com subúrbios e guetos violentos. Situação que se radicaliza com o advento do *gangsta rap*, em 1992, e suas letras que glorificam a violência. No ano passado, a mídia americana deu grandes espaços para a cobertura do assassinato de dois *gangsta rappers*, Tupac Shakur e Notorious B.I.G. "As pessoas que comandam a mídia reforçam a ideia de que o rap é perigoso. Há uma espécie de complô para associar o rap ao *gangsta rap*. Faz parte do esforço de defini-lo como subcultura. Aí se observa uma convergência entre a mídia e os políticos. A mídia vende mais com sensacionalismo e os políticos vão pedir mais polícia nas ruas e recomendar que não se gaste dinheiro em educação porque *rappers* seriam

gângsteres e estaríamos perdendo tempo com bobagens", diagnostica.

Da ênfase na cobertura do *gangsta rap*, segundo Shusterman, as gravadoras não reclamam. "Jovens burgueses e adolescentes que querem se rebelar contra os pais consomem *gangsta rap*. As gravadoras descobriram que podem vender mais com esta propaganda criminal extra", revela.

Mas para que não dissessem que não falamos de flores, Shusterman filosofou em cima do rap e mostrou inicialmente por que o define como arte pós-moderna. Para o rap, empréstimo e criação não são incompatíveis, como seriam no modernismo. "Através do *sampling*, o rap tende mais para uma apropriação reciclada de outros temas do que para uma criação original; mistura ecleticamente estilos e valoriza o temporal, desqualificando o eterno e o universal", afirmou.

Shusterman quer fundir vida, arte e filosofia. Por isso vibra com o rap que, para ele, tem muito de pragmatismo. "Certamente as verdades e as realidades que o rap revela não são as verdades transcendentais e eternas da filosofia tradicional, mas sim os fatos mutáveis do mundo material, histórico e social. A ênfase dada à natureza maleável do real representa uma posição metafísica respeitável, em concordância com o pragmatismo americano", escreve.

Mas o que o rap tem a ver com Dewey, o filósofo preferido por Shusterman? "Não há historicamente relação entre Dewey e o rap. Dewey era muito conservador em seus gostos estéticos. Ele estava interessado em integrar o ético, o político e o estético e via a arte como enraizada profundamente em nossa experiência humana. Não era algo para uma contemplação exclusivamente intelectual. Deveríamos sentir a imagem no sangue e ficar excitados quando ou-

víamos uma música. Isto para mim é claro no rap", explica.

Mas o projeto intelectual de Shusterman é maior do que um aparente culto ao rap. Na realidade, este filósofo busca refutar as teses dos filósofos da Escola de Frankfurt que viam na cultura de massa algo degenerado e menor.

Shusterman vê paralelos entre seu projeto filosófico e o de Foucault, principalmente quando este discorre sobre o cuidado de si. Shusterman propõe uma estética para a vida cotidiana que guarda semelhanças com a anunciada por Foucault nos últimos volumes de sua *História da sexualidade*. "Eu diria que proponho um cuidado de si mais *naif* do que o de Foucault, que está interessado nas formas mais extremas deste cuidado. O meu projeto para o cuidado de si inclui até mesmo o fascinar-se com a experiência de sentir áreas de suas costas jamais sentidas antes, porque esta é uma região bloqueada por contrações nervosas. Esta é uma excitante experiência estética", define.

Se alguém ainda duvida da sabedoria do rap, Shusterman convida à audição de *Rhyme pays* (A rima compensa), de Ice T, onde ele afirma que você pode ter dinheiro por seus talentos criativos e não atirando e matando, alguém, em um trocadilho engenhoso com *Crime pays* (O crime compensa). Não é à toa que muitos *rappers* assumem um ativismo pedagógico e se auto definem como professores e metafísicos, como no caso de KRS-One. "Muitos *rappers* vêem o rap como uma combinação entre política, educação e arte. É curioso porque, em nossa tradição ocidental, tendemos a dividir estes domínios", explica Shusterman, que esteve no Rio a convite do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ.



Fotos de arquivo/Estefan Radovcz

Músicos como Tupac Shakur (E) e Notorious B.I.G. (ao lado) são vistos pelo filósofo Richard Shusterman (abaixo) como representantes de uma determinada cultura americana que, pela violência de suas mensagens, sofre a rejeição e a repressão do sistema dominante

